

# Deng, o incentivador da exportação chinesa

Carlos Tavares de Oliveira



A linha mestra do plano de recuperação econômica do primeiro-ministro Deng Xiaoping, aprovado pela Assembleia do Povo em março de 1979, referia-se à “abertura para o exterior”. Considerando que a China já tinha alguma exportação – apenas US\$ 9,7 bilhões, em 1978, menos que o Brasil, com US\$ 12,6 bilhões – a palavra “abertura” significava expansão, principalmente para Europa e Estados Unidos. Naquela época, no ranking mundial a China ficava apenas no 32º lugar e o Brasil no 23º.

Decorridos esses 33 anos, o sucesso do projeto de Deng comprova-se no extraordinário resultado da balança comercial chinesa em 2011 – consolidando sua posição na liderança do ranking – registrando o total recorde de US\$ 3,7 trilhões, com exportação de US\$ 1,9 trilhão. Isso sem contar com os resultados das Regiões de Hong Kong e Macau. A participação do comércio exterior no Produto Interno Bruto (US\$ 7,4 trilhões), que já atingira 67% em 2006, situa-se, atualmente, em 50%.

Nesse período, enquanto as exportações brasileiras cresceram apenas 20 vezes (sommaram US\$ 256 bilhões, em 2011) as vendas

chinesas aumentaram 200 vezes, criando as maiores reservas em divisas (US\$ 3,2 trilhões), proporcionando ao gigante asiático, após séculos, condições de retornar à liderança econômico-financeira mundial.

Nesse quadro, pareceu-me oportuno reproduzir algumas diretrizes e tiradas de Deng – selecionadas através de longas pesquisas em sua biografia – em que explicava a exportação ao povo e orientava os dirigentes. Logo no início, ainda em 1979, ele considerava a educação e a total alfabetização fundamental para que se entendesse a abertura / exportação. Foi criada, então, a Lei de Educação Obrigatória, abrangendo o período inicial de seis anos do ensino primário.

Paralelamente, para sustentar esse princípio, Deng afirmava que a “educação era a causa fundamental da nação”. E, sublinhava que “a alimentação de talentos na ciência e tecnologia começa na educação”. O resultado foi satisfatório, tornando a imensa população praticamente sem analfabetos – além da criação da maior estrutura educacional / universitária mundial – entendendo o que era abertura econômica e comércio exterior.



---

*A cidade-porto de Shenzhen (foto) tornou-se a principal das cinco Zonas Econômicas Especiais, criadas por Deng, e dedicada à exportação de informática*

Porém, foi na área política que Deng encontrou maior resistência para implantação do seu projeto, configurada por um grupo de radicais chefiado por Chen Yun, integrante do Politburo do Partido Comunista, contrário ao afastamento da linha marxista para a economia, com a adoção de medidas capitalistas. Para enfrentá-lo, Deng então criou uma série de convincentes expressões, de forte repercussão na China e no exterior, como a famosa tirada “não importa a cor do gato contanto que pegue o rato”. Com isso, é claro, referia-se ao objetivo de melhorar a economia e o padrão de vida do povo chinês.

Nessa parte, justificando o sistema misto adotado, assinalou que se tratava de “economia socialista de mercado” ou “economia de mercado socialista”. Disse, também, que “era glorioso enriquecer” e, referindo-se à política internacional, afirmou: “Só se pode falar alto quando se tem muito dinheiro”.

No desfecho dessa polêmica com o grupo radical de Chen, dentro do próprio partido, Deng foi duro ao identificá-los, assinalando que “na década da reforma e da abertura o perigo tem origem principalmente no esquerdismo”.

Evidentemente que a abertura e modernização do plano de Deng tinha por base o comércio exterior, com a “aceleração da economia de exportação”. Assim, em julho de 1979 determinou a criação de quatro Zonas Econômicas Especiais (Shenzhen, Zhuhai, Shantou e Xiamen), que receberiam investimentos estrangeiros para criação de empresas voltadas para exportação, isentas de taxas, impostos e de burocracia. Logo depois, em 1985, mudou drasticamente a composição das exportações chinesas, com os produtos industrializados passando a majoritários ocupando 2/3 da pauta. Em seguida, em 1987, começaram a surgir os superávits comerciais e o acúmulo de reservas em divisas.

Em 1984, no encontro com a primeira ministra inglesa Margaret Thatcher – que pretendia prorrogar por mais 50 anos a posse de Hong Kong a vencer em 1997 (como de fato ocorreu) – Deng, sem sequer examinar a carta / pedido, lançou, como projeto político, também para Macau e Taiwan, o lema “Um país e dois sistemas econômicos”.

Quanto aos entendimentos sobre a abertura, iniciados em 1979, com os presidentes Nixon e Carter – referentes ao afastamento da União Soviética e aproximação com os Estados Unidos – Deng vaticinou “Não queremos nos atrelar a uma só carroça”. Mais tarde, em 1985, criticando a abertura de Gorbachev na União Soviética – apenas política sem reflexo na economia da população – declarou que era de “muita trovoada e pouca chuva”..

Modestamente, Deng admitia que “sabia muito pouco de economia, mas conhecia quem sabia”, referindo-se ao primeiro-ministro Zhu Rongji, por ele indicado. No entanto, para esclarecimento do povo, divulgava corretas definições: “Economia planejada não é o mesmo que socialismo, porque capitalismo também tem planejamento. Economia de mercado não é igual a capitalismo, porque socialismo tem mercado. Tanto o planejamento como o mercado são instrumentos da economia”.

Em uma das suas várias mensagens ao povo chinês – visando no fundo o comércio exterior e a exportação – Deng alertava “No mundo contemporâneo, cheio de rivalidades, para se chegar a uma posição de liderança, o segredo está em se aproveitar a oportunidade de se desenvolver”. E completava: “Temos agora uma boa oportunidade; se não aproveitarmos, logo ela não estará mais disponível. Desenvolvimento moroso equivale a estagnação”.

Sobre a controvertida questão dos “direitos humanos”, certa vez, ao comentar a abertura política de Gorbachev, na União Soviética, assinalou que “o povo chinês dava mais valor ao crescimento econômico do que as liberdades políticas”. De fato, pesquisa sobre a história e cultura chinesa – a mais antiga do planeta com 8 mil anos de existência – comprova que os direitos prioritários reivindicados pelo povo, em manifestações e rebeliões, sempre visaram, direta ou indiretamente, a melhoria das condições de vida, relativas à alimentação, moradia, saúde e educação.

Segundo os pensamentos do sábio chinês Confúcio (551-479 A.C) – que lá prevalecem como doutrina religiosa – são deveres da pessoa humana os referentes à moralidade, educação, lealdade, honestidade, disciplina, respeito à família e à hierarquia. Esse desacordo cultural entre direitos e deveres, no passado, foi bem focalizado pelo filósofo francês Voltaire, quando, no século 18, afirmou: “O grande mal-entendido acerca dos ritos chineses surge por julgarem as práticas deles à luz das nossas”.

Assim, além da econômica, a outra importante vantagem da abertura para o exterior idealizada por Deng – e as suas oportunas observações – foi tornar a China mais conhecida no mundo, reduzindo o preconceito existente. Infelizmente, ainda forte no Brasil. ■

*Obs) Algumas frases foram colhidas no livro “Deng, o homem que pôs a China na cena do século XXI”, de Michael E. Marti*

Jornalista e consultor de comércio exterior da CNC



*Deng  
Xiaoping  
(1904 -  
1997)*